

## FRIEDRICH SCHILLER X FRIEDRICH SCHLEGEL: CONFRONTOS E CONVERGÊNCIAS EM TORNO DA FUNDAMENTAÇÃO DA MODERNIDADE

Izabela Maria Furtado Kestler (UFRJ)<sup>1</sup>

RESUMO: Nesta comunicação apresentarei e discutirei as convergências e confrontos entre dois textos seminais de Schiller e de Schlegel, escritos em 1795: *Poesia ingênua e sentimental* e *Sobre o estudo da poesia grega*. A primeira obra, de importância fundamental para o surgimento das teorias românticas, busca salientar o modo específico do fazer poético do poeta sentimental/moderno em relação ao poeta ingênuo/antigo. A segunda, elaborada por Schlegel, ainda que sobrevalorize a produção poética da Antiguidade clássica, e menospreze a poesia moderna, vislumbra o renascimento da poesia a partir da obra de Goethe.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Friedrich Schiller; Friedrich Schlegel; Antiguidade clássica

### Poesia ingênua e sentimental

Esse tratado, publicado em 1795 e 1796 na revista *Horen* (As Horas) do próprio Schiller, é não só o ponto culminante e o desfecho dos vários anos da investigação que o autor empreende a partir da leitura da 3ª Crítica de Kant (*Kritik der Urteilkraft*) assim como uma radiografia das diferenças e divergências entre seu autor e Goethe. Precedem esse tratado os estudos *Kallias oder über die Schönheit* (Kallias ou sobre a beleza), *Über Anmut und Würde* (Sobre a graça e a dignidade), ambos de 1793, *Über die ästhetische Erziehung des Menschen. In einer Reihe von Briefen* (A educação estética do homem numa série de cartas), também publicado na revista *Horen* em 1795, assim como estudos curtos sobre a teoria da tragédia, sobre o sublime, o patético e o belo. Esses tratados não serão abordados aqui. Importante é destacar que o estudo em questão é uma tentativa de Schiller de elaborar e demarcar a especificidade de sua obra poética em relação à de Goethe. Não cabe aqui relatar em detalhes o que aconteceu antes da aproximação definitiva entre Schiller e Goethe nem explicitar as causas desse estranho mecanismo de atração e repulsão que caracteriza as relações entre ambos anteriores à 1794, ou melhor, as relações à distância (MOURA, 2006. p. 126-133). A aproximação definitiva só ocorre a partir de um encontro dos dois no dia 21 de julho de 1794 após a reunião da Sociedade de Pesquisa da Natureza em Jena. Cabe lembrar aqui que as cidades de Jena e Weimar encontravam-se no mesmo Grão-Ducado de Weimar e que distam cerca de 10 kms uma da outra. Além disso, Schiller já se encontrava em Jena desde 1789, onde por indicação de Goethe havia sido nomeado professor de história, sem soldo, da Universidade de Jena. Após o mencionado encontro de Goethe e Schiller em Jena, este convida Goethe para participar na redação e elaboração da revista *Die Horen* (As horas – em referência às divindades gregas das estações). Em carta a Goethe de 23 de agosto de 1794, Schiller aproveita para parabenizá-lo pelo aniversário e além disso esboça um perfil psicológico e estético do aniversariante. Esta quase radiografia das diferenças e semelhanças entre os dois será mais tarde o impulso para a elaboração do tratado sobre a poesia ingênua e a sentimental. Além disso, o perfil lisonjeiro desenhado por Schiller vai vencer as resistências anteriores de Goethe em relação àquele. Estas resistências advêm do fato de que Goethe considerava Schiller, que era 10 anos mais jovem, ainda muito preso aos arroubos juvenis do *Sturm und Drang*. Goethe nesta época, sobretudo após sua estada de quase dois anos na Itália de 1786 a 1788, já se encontrava a larga distância não só da sua produção literária e poética sob o signo do *Sturm und Drang* como também num estágio mais adiantado de consolidação de uma poética voltada para a exemplariedade clássica.

Alguns trechos desta carta evidenciam a relação entre ela e o tratado escrito pouco tempo depois. É importante observar também que Schiller se refere nesta carta aos estudos empreendidos por

<sup>1</sup> Professor-Associado I, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas. E-mail: izabela@alternex.com.br

Goethe no campo das ciências da natureza, notadamente a esta altura a seus estudos sobre a metamorfose das plantas.

Já faz muito tempo, embora a razoável distância, observei o curso de seu espírito e, sempre com renovada admiração, percebi o caminho que traçou para si mesmo. O senhor procura o essencial da natureza, mas procura pelo caminho mais difícil, do qual certamente se protegerá toda força mais frágil. O senhor concentra toda a natureza, a fim de receber uma luz de cada elemento; na totalidade dos fenômenos dela o senhor procura a explicação para o indivíduo. O senhor parte da organização simples e monta, passo a passo, em direção ao mais complicado, para finalmente construir geneticamente o mais complicado de todos, o Homem, a partir de materiais de toda a edificação da natureza. Pelo fato de por assim dizer, recriá-lo da natureza, o senhor procura penetrar na sua técnica oculta. (...) O senhor nunca pode ter esperado que sua vida fosse bastar para um tal objetivo, mas somente o fato de tomar um tal caminho vale mais do que chegar ao fim de qualquer outro – e o senhor fez a escolha, como Aquiles na Ilíada entre Pítia e a imortalidade. Se fosse grego, até mesmo italiano, e já do berço fosse cercado de uma natureza privilegiada e uma arte idealizadora, então o seu caminho seria infinitamente menor, talvez até completamente supérfluo. Já na primeira observação das coisas o senhor teria assimilado a forma do essencial, e com as suas experiências se teria desenvolvido no senhor o grande estilo. Mas, já que nasceu alemão, já que o seu espírito grego foi jogado na criação nórdica, assim não lhe restou outra alternativa do que a de tornar-se artista do norte ou dar à sua imaginação, com o auxílio da força do pensamento, aquilo de que a privou a realidade e assim, de certa maneira, dar à luz uma Grécia, de dentro e por um caminho racional. (SCHILLER APUD CAVALCANTI, 1993, p. 24).

É relevante salientar que a aproximação e posterior consolidação das relações entre ambos se alicerça de um lado na premissa do paradigma da exemplariedade da Antigüidade clássica e de outro na exigência de autonomia estética. Ambos então constroem a partir desse encontro em 1794 o que eu denominaria de projeto clássico, que se baseia na tentativa de antecipação e prefiguração na literatura da idealidade perfeita que ambos supunham ter vigorado na poesia da Antigüidade clássica. (KESTLER, 2002. p. 73). A redação e publicação da revista *Horen*, como plataforma publicística do ideário dos dois assim como de outros pensadores a eles vinculados desempenhou um papel fundamental na construção desse projeto. Outro fator importante a ser considerado é o horizonte histórico-político da época, marcado pelos desdobramentos pouco auspiciosos e sobremaneira violentos da Revolução Francesa. Ambos os autores rejeitam-na e a abominam. Schiller sobretudo a partir dos acontecimentos que levam à prisão e à execução do rei Luís XVI em 21.12.1793 e Goethe praticamente desde o início da Revolução em 1789.

Escrita em seguida às *Cartas sobre a educação estética do homem*, o tratado *Poesia ingênua e sentimental* está dividido em três partes – Do Ingênuo, Os poetas sentimentais e Conclusão do ensaio sobre os poetas ingênuos e sentimentais, com algumas observações concernentes a uma diferença característica entre os homens. A motivação original para a elaboração do tratado foi a carta, já citada acima, de Schiller a Goethe. Schiller portanto pretende com este tratado aprofundar uma espécie de tipologia de personalidades distintas, que no entanto se complementam. Segundo constata Böhlér:

A tipologia do ingênuo e do sentimental, do realista e do idealista, não seria possível sem o encontro com Goethe, por outro lado esta tipologia determina por sua vez a ação e o comportamento dos amigos em seu relacionamento. Na medida em que Schiller tipologiza sua própria personalidade poética e a de Goethe, ele realiza uma abstração, (...) a qual constitui os papéis sociais. Por trás dos conceitos de poeta ingênuo e sentimental escondem-se também dois tipos diferenciados de desempenhos poéticos. (BÖHLER, 2004. p. 19-20).

Segundo Helmut Koopmann, Schiller realiza neste tratado uma espécie de defesa de suas próprias características em relação às de Goethe: “Dito de outra forma: a formulação de Schiller do i-

deal poético sentimental é uma resposta à existência de Goethe, que Schiller entendia como ingênuo no melhor sentido da palavra.” (KOOPMANN, 1998. p. 632).

Seguindo a argumentação de Koopmann, a elaboração deste tratado não responde apenas à pretensão filosófica de Schiller, mas sim à necessidade de se posicionar em relação a Goethe. Acresce-se a isso o fato de que Schiller, ainda segundo Koopmann, tinha sérias dúvidas quanto à qualidade de sua produção poética. A insegurança era motivada basicamente pelo peso descomunal do modelo poético da Antiguidade grega clássica. Ou seja, Schiller se questionava constantemente diante deste modelo inescapável pelo menos desde a publicação das obras de Winckelmann, em que medida ele, como poeta, em face da distância imensurável entre sua época e o mundo grego, tinha condições de produzir uma obra relevante. Esta questão é tratada por Schiller numa carta a seu amigo Wilhelm von Humboldt de 26 de outubro de 1795, na qual Schiller lhe expõe seus próprios problemas e analisa não só a si mesmo como também Goethe: “Em que medida posso, diante desta distância do espírito da poesia grega, ainda ser poeta, e até um poeta melhor, do que o grau desta distância parece permitir?” (SCHILLER APUD KOOPMANN, 1997. p. 54).

Dito de outra forma, Schiller afinal vai concluir em seu tratado, conforme constata Koopmann, que o poeta moderno/sentimental, embora a realidade lhe seja inacessível, pode ao menos elaborar o ideal, ou em outras palavras, “um reino poético, no qual o que outrora foi ‘Grécia’, não pode ser copiado, mas pode ser reproduzido de forma análoga idealmente.” (KOOPMANN, 1997, p. 55).

No estudo *Poesia ingênua e sentimental*, Schiller demarca o espaço da modernidade literária em contraposição ao ideal da antiguidade através dos pólos ingênuo/sentimental; natureza/cultura; antigo/moderno. A poesia ingênua, presente na unicidade do poeta grego com a natureza, dá lugar nos modernos à reflexão, ao sentimento da natureza. A partir da constatação de que entre os gregos a natureza não degenerou tanto ao ponto de que abandonassem a natureza, Schiller escreve que eles eram unos consigo mesmos e felizes no sentimento de sua humanidade.

Eles sentiam naturalmente; nós outros sentimos o natural. (...) À medida que a natureza foi, pouco a pouco, desaparecendo da vida humana como experiência e como sujeito (agente e paciente), nós a vemos assomar no mundo poético como Ideal e como objeto.(...) Já por seu conceito os poetas são em toda parte os guardiães da natureza. Onde já não o possam ser completamente, onde já tenham experimentado em si mesmos a influência de formas arbitrárias e artificiais ou tenham tido de combatê-la, surgirão como testemunhas ou vingadores da natureza. Serão natureza ou buscarão a natureza perdida. Daí nascem duas maneiras poéticas de criar completamente distintas, mediante as quais se esgota e mede todo o domínio da poesia. Todos os que realmente são poetas pertencerão ou aos ingênuos ou aos sentimentais, conforme seja constituída a época em que florescem ou conforme condições acidentais exerçam influência sobre a formação geral ou sobre a disposição momentânea de suas mentes.(SCHILLER, 1991. p. 56-7)

Apesar de apontar a superioridade da poesia ingênua sobre a sentimental, assim como a superioridade dos gregos sobre os modernos, Schiller, dá aos sentimentais uma vantagem sobre os ingênuos:

No entanto, se o poeta ingênuo excede o sentimental em realidade e traz à existência real aquilo para o qual o último só pode despertar um vivo impulso, este, por sua vez, tem sobre o primeiro a grande vantagem de ser capaz de dar ao impulso um objeto maior do que aquele que foi e pôde ser produzido pelo primeiro. (SCHILLER, 1991. p. 89)

Este objeto maior é o que Schiller chama de completude no Ideal, porque os ingênuos „são o que nós fomos; são o que devemos vir a ser de novo. Fomos natureza como eles, e nossa cultura deve nos reconduzir à natureza pela caminho da razão e da liberdade.” (SCHILLER, 1991. p. 44). Acresce-se a isso que a força do poeta sentimental “consiste em completar por si mesmo um objeto defeituoso, e em transportar-se por seu próprio poder de um estado limitado a um estado de liberdade.”(SCHILLER,1991, p. 90)

Relevante neste tratado também é a exposição dos gêneros poéticos da poesia sentimental: sátira, elegia e idílio. Segundo Schiller só existem estas três espécies possíveis de poesia sentimental, que só têm em comum o fato de representarem maneiras de sentir. (SCHILLER, 1991. p. 83)

Não é exagero afirmar que este tratado de Schiller fundamenta a delimitação dos modos de sentir e dos modos de fazer poético próprios da modernidade. Schiller, embora se reconheça em seu tratado como poeta sentimental, ou seja, moderno, não se coloca estritamente contra a poesia antiga. Pelo contrário, ele entende que a beleza presente na literatura greco-romana é “produto de uma apropriação cultural sob as condições da consciência então vigente.” (ALT, 2004.p. 210).

Segundo constata Helmut Koopmann:

A harmonia perdida com a natureza leva o poeta sentimental a produzir a harmonia em si mesmo e como a natureza lhe escapou, ele só pode restabelecê-la numa forma ideal: a antiga idéia de mimesis é assim renegada indiretamente, a artificialidade da obra de arte moderna é defendida.(KOOPMANN, 1998, p. 631)

Fica claro neste texto a influência de Rousseau, mas aqui a natureza é o estado que se deve alcançar. A maior parte dos autores aponta para a importância fundamental desta obra de Schiller para o surgimento das teorias românticas, pois esta última obra de cunho estético-filosófico de Schiller causou grande impacto sobretudo entre os primeiros românticos, notadamente em Friedrich Schlegel, o qual coincidentemente escreve também em 1795 um tratado denominado *Über das Studium der griechischen Poesie* (Sobre o estudo da poesia grega), o qual só foi publicado integralmente em 1797.

### **Sobre o estudo da poesia grega**

Esse estudo, também conhecido sob o nome de *Studium-Aufsatz*, faz parte de uma série de outros sobre a poesia clássica, escritos por Schlegel na juventude. Dentre eles destacam-se *Von den Schulen der griechischen Poesie* (Sobre as escolas da poesia grega), *Vom ästhetischen Wert der griechischen Komödie* (Sobre o valor estético da comédia grega) e *Über die weiblichen Charaktere in den griechischen Dichtern* (Sobre as personagens femininas nos poetas gregos), todos escritos em 1794. A investigação aprofundada da poesia clássica culmina em 1798 com a publicação do tratado mais alentado *Geschichte der Poesie der Griechen und Römer* (História da poesia dos gregos e romanos). Tais estudos relacionam-se à já mencionada influência da obra de Johann Joachim Winckelmann. Com o intuito de responder à questão levantada por Herder em seus *Fragmente über die neuere deutsche Literatur* (Fragmentos sobre a mais recente literatura alemã) de 1767, Schlegel pretende em sua juventude realizar no campo da poesia grega o que Winckelmann realizou no tocante à arte grega. Herder se perguntara:

Mas onde está então um Winckelmann alemão, que nos descortine tão bem o templo da sabedoria e da arte poética gregas quanto mostrou aos artistas de longe o segredo dos gregos? Um Winckelmann com a intenção de abordar a arte só poderia florescer em Roma; mas um Winckelmann com o objetivo de nos ensinar a poesia grega só pode surgir na Alemanha”. (HERDER, 1967. p. 293 et sequ.).

É importante ressaltar aqui que o tratado de Schlegel em questão fundamenta-se também nas concepções desenvolvidas pelo autor sobre história e filosofia da história. Tais concepções, expostas no pequeno texto *Vom Wert des Studiums der Griechen und Römer* (Sobre o valor do estudo dos gregos e romanos) de 1795/96, encontram-se não só dentro do terreno do Iluminismo, ou seja, partilham da convicção do ideal da perfectibilidade infinita assim como do conceito de Fichte de uma *Wechselwirkung* (ação recíproca) entre natureza e liberdade, explicitado por este nas obras *Wissenschaftslehre* (A doutrina da ciência) e *Vorlesungen über die Bestimmung des Gelehrten* (Lições sobre a vocação do sábio). Em seu pequeno texto, Schlegel pleiteia um estudo aprofundado da poesia grega, pois segundo ele a formação entre os gregos e romanos teria constituído uma totalidade (SCHLEGEL, 1988. p. 36). Além disso, apresenta o panorama de duas histórias diferentes, ou duas formas de formação (*Bildung*) para explicar de um lado a decadência e o fim da poesia greco-

romana e de outro as bases da formação (*Bildung*) moderna direcionada para a perfectibilidade inatingível, ou seja, numa constante aproximação infinita (*unendliche Annäherung*) à perfeição. A história da formação greco-romana seria assim modelada pela formação natural e ancorada no sistema cíclico, enquanto que a história moderna seria moldada pela formação artificial e nesse sentido a história se fundamentaria na progressividade infinita. (KESTLER, 2003. p. 83-84; HUYSEN, 1978. p. 229-230).

Não cabe aqui delinear todos os aspectos desta obra e suas implicações. É importante no entanto observar que se verifica no *Sobre o estudo da poesia grega* a transposição das concepções de história e filosofia da história, sobretudo a questão da perfectibilidade infinita, para o campo da estética e da teoria poética: “A arte é infinitamente perfectível e um máximo absoluto não é possível em seu desenvolvimento permanente: um máximo relativo, no entanto, um próximo fixo insuperável é possível” (SCHLEGEL, 1988. p. 102) Esse máximo relativo seria a poesia grega, entendida como o arquétipo da arte e do gosto. Em sua argumentação, Schlegel aplica o postulado da formação natural em correlação com a história cíclica, assinalando que a arte antiga é a “última fronteira da formação natural da arte e do gosto”. (SCHLEGEL, 1988. p.101) Nomeia esta época a seguir de era dourada, afirmando também que: “A poesia grega em massa é o máximo e o cânone da poesia natural. (...) Nela está concluída e completada todo o ciclo do desenvolvimento orgânico da arte.” (SCHLEGEL, 1988. p. 111) Além disso: “O ápice da formação natural das belas artes permanece então para todos os tempos o arquétipo supremo da progressividade artificial”. (SCHLEGEL, 1988. p. 104)

Ao enfatizar o caráter cíclico da formação da poesia grega, Schlegel reitera que:

A formação grega era original e nacional, um todo completo em si mesmo, o qual através de seu desenvolvimento interno alcançou um patamar elevado, e num movimento cíclico completo também acabou por se afundar em si mesma. (SCHLEGEL, 1988. p. 109)

Schlegel pretende com este texto não só pleitear pelo estudo e cultivo da poesia grega como corretivos ao estado desolador da poesia moderna, fragmentada, sem unicidade, que busca apenas o chocante, o bizarro, o escandaloso e os modismos de toda espécie, mas também indicar à poesia moderna um sentido, um direcionamento. O estudo aprofundado do passado ajudaria na visão de Schlegel assim ao aperfeiçoamento da poesia moderna. Para ele é necessário um aperfeiçoamento, porque haveria uma predominância do característico, do individual e do interessante na grande massa da poesia moderna, uma espécie de anarquia estética, que não forma um todo nem uma unidade.

Salta aos olhos que a poesia moderna ou não alcançou ainda o objetivo, ao qual ela almeja, ou que seus esforços não têm nenhum fim determinado, sua formação nenhuma direção, a massa de sua história nenhuma conexão legítima, o todo nenhuma unidade. (SCHLEGEL, 1988. p. 67)

E mais adiante ele afirma: “Falta de caráter parece ser o único caráter da poesia moderna, confusão parece ser a convergência de sua massa, ilegalidade o espírito de sua história, e ceticismo o resultado de sua teoria.” (SCHLEGEL, 1988. p. 70) Depois deste diagnóstico aniquilador, Schlegel propõe o corretivo da poesia grega, cuja história “é a história natural geral da arte poética”. (SCHLEGEL, 1988. p. 96). Por outro lado, Schlegel não propõe aqui uma simples imitação da poesia grega, e sim o aprofundamento da investigação desta poesia:

Somente aquele que a conhece totalmente, pode imitá-la. Somente a imita verdadeiramente, aquele que se apropria da objetividade da massa completa, do belo espírito de poetas singulares, e do estilo perfeito da era dourada. (SCHLEGEL, 1988. p. 121)

Como se vê, Winckelmann não teria feito outro diagnóstico. Mas no meio desta visão desoladora, na qual predominam a anarquia do interessante, o modismo, o feio e o bizarro, Schlegel enxerga os primeiros indícios de uma revolução estética, pois “o momento para uma revolução estética parece estar maduro, revolução esta, na qual o objetivo da formação estética dos modernos poderia predominar.” (SCHLEGEL, 1988. p. 93) O indício mais forte é a poesia de Goethe, considerada por Schlegel como a aurora da arte autêntica e da poesia pura. Ela estaria numa posição intermediária

entre o interessante e o belo, entre o maneirismo e o objetivo. A este sintoma Schlegel acrescenta no campo teórico a luta da filosofia crítica contra o ceticismo, empreendida por Kant e por Fichte e o empenho acentuado no estudo da poesia grega. A seguir ele propõe quais seriam os pilares desta revolução estética: objetividade, moralidade e busca da harmonia. (SCHLEGEL, 1988. p. 94)

Só a teoria pode ser o princípio diretor desta formação. Schlegel prossegue sua argumentação historicizando a poesia moderna, cujo desenvolvimento e evolução seriam determinados pela progressividade infinita, sendo que a poesia moderna já teria percorrido dois períodos de formação. A primeira fase estaria determinada pelos “modernos antigos”, e teria se iniciado com Dante. A essa fase teria se seguido a segunda, na qual a obra de Shakespeare constituiria o início, o apogeu e o fim. Depois deste período teria ocorrido uma estagnação sem par durante mais de 200 anos na poesia européia, a qual estaria em vias de terminar, dando lugar à terceira fase (SCHLEGEL, 1988, p. 131-132).

Da mesma forma que no pequeno texto sobre o valor do estudo dos gregos e romanos, mencionado acima, Schlegel aponta aqui também para a necessidade de uma relação de ação recíproca (*Wechselwirkung*) entre as duas histórias poéticas, na medida em que a transição para a terceira fase parece estar próxima com a acentuação da objetividade, típica da poesia grega. Ele segue aqui também a idéia já exposta no texto supracitado sobre o início da história moderna ainda no bojo da história dos gregos e romanos, e de um fim não abrupto, ou melhor de uma continuidade dialética entre a poesia grega e a moderna: “A formação natural e a formação artificial se encaixam uma na outra, e os últimos da poesia antiga são ao mesmo tempo os precursores da moderna.” (SCHLEGEL, 1988. p. 64) Além disso, ele enxerga o renascimento da poesia na terceira fase da literatura moderna “essencialmente como uma reconstituição do espírito objetivo da Antigüidade na época moderna”. (BEHLER 1978, p. 100). Não há na obra de Schlegel uma separação abrupta da Antigüidade e da modernidade, mas sim uma tentativa de conciliação do essencialmente moderno com o essencialmente antigo, que se apresenta inicialmente através da explanação da diferença absoluta entre ambos para então depois se manifestar na necessidade de uma relação recíproca para que se atinja o ideal da poesia, o qual só pode ser alcançado através da aproximação infinita.

Antigüidade e modernidade aparecem aqui numa relação dialética tensa, a qual não ocorreu no tratamento da questão da querela nem na França nem na Inglaterra. A modernidade não se dissocia aqui do clássico, (...) mas sim se coloca numa relação recíproca vital com este. A modernidade ruim, poder-se-ia formular, consiste numa mera separação, num mero progredir, na elevação constante do interessante, num ‘empenho irrefreável e insaciável pelo novo, o picante, o escandaloso, no qual a ânsia no entanto permanece insatisfeita’. A modernidade genuína encontra-se numa relação de igual para igual com o clássico e se manifesta numa disputa, num *agon* [luta mortal] com ele. (BEHLER, 1978. p. 100)

Numa carta a seu irmão August Wilhelm de 27 de fevereiro de 1794, Friedrich Schlegel assim se expressa sobre esta questão:

“O problema de nossa poesia me parece ser a fusão do essencialmente moderno com o essencialmente antigo; e se eu acrescentar que Goethe, o primeiro de nosso totalmente novo período da arte, já deu os primeiros passos no sentido de atingir esse objetivo, você irá compreender bem meu ponto de vista.” (SCHLEGEL apud PIKULIK, 1992. p. 149)

Schlegel portanto elabora seu *Studium-Aufsatz* a partir da premissa de uma crise espiritual profunda na Europa e concomitantemente dentro da expectativa de uma revolução estética, a qual segundo sua concepção já teria se iniciado.

Em 1797, no entanto, Schlegel critica acerbamente seu *Studium-Aufsatz* na revista *Lyceum* com as seguintes palavras:

Meu ensaio sobre a poesia grega é um hino amaneirado, em prosa, àquilo que é objetivo na poesia. A completa falta da indispensável ironia me parece o que nele há de pior; e o melhor, a confiante suposição de que a poesia é infinitamente valiosa, como se isso fosse uma coisa indiscutível. (SCHLEGEL, 1997. p. 21)

### Convergências e confrontos

Schiller e Schlegel partem em seus textos de pressupostos análogos e desenvolvem reflexões autônomas do ponto de vista estético. Enquanto que Schiller contrapõe poesia ingênua e sentimental, antigo e moderno, natureza e cultura com o intuito de escutinar os modos de fazer poético próprios aos poetas ingênuos e aos sentimentais, Schlegel expõe a oposição entre a poesia objetiva e a interessante, entre a poesia da Antigüidade e a da modernidade assim como as maneiras de formação historicamente distintas da Antigüidade e da Modernidade. No plano histórico-político, as duas obras são elaboradas sob o impacto da Revolução Francesa e de seus desdobramentos. Além disso, inscrevem-se no âmbito da repercussão em território alemão da *Querelle des anciens et des modernes*, travada na França a partir do final do século 17 com a publicação dos quatro volumes de Charles Perrault *Parallèle des Anciens et des Modernes*. E testemunham no pensamento estético alemão a influência preponderante dos estudos sobre a arte da Antigüidade clássica de Johann Joachim Winckelmann, a saber: *Gedanken über die Nachahmung griechischer Werke in der Malerei und in der Bildhauerkunst* (Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura) de 1755 e *Geschichte der Kunst des Altertums* (História da arte da Antigüidade) de 1764. O paradigma inquestionável da excelência da Antigüidade grega, propagado por Winckelmann, é certamente o ponto fulcral da reflexão estética de ambos os autores, assim como de vários outros no contexto do pensamento alemão, porquanto: “O único meio de nos tornarmos grandes e, se possível, inimitáveis, é imitar os gregos” (WINCKELMANN, 1975. p. 39-40).

Tornou-se praticamente consenso nos últimos anos no bojo dos estudos germanísticos na Alemanha a aceitação de uma convergência intrínseca entre as reflexões estéticas dos autores do Classicismo de Weimar (Goethe e Schiller) e aquelas dos autores da primeira fase do Romantismo, os irmãos Schlegel e respectivas esposas, Novalis e os filósofos Fichte, Schelling e Schleiermacher, denominada de romantismo de Jena em alusão à cidade na qual estes se reuniam. (MALSCH, 1971. p. 132). É lícito, portanto, denominar esta convergência clássico-romântica de *Kunstperiode* (período da arte). A autonomia estética como direito inalienável da arte e o paradigma da Antigüidade clássica como modelo de idealidade para os clássicos ou como futuro a ser alcançado através da infinita perfectibilidade da arte para os românticos são os fundamentos desta *Kunstperiode* (período da arte).

As diferenças, ou melhor, os confrontos que irão determinar as desavenças profundas entre os dois já a partir do primeiro encontro em 1792 não serão abordadas aqui. Basta lembrar no entanto que Schlegel publica em 1796 alguns capítulos de seu *Studium-Aufsatz*, seu estudo sobre o republicanismo intitulado *Versuch über den Begriff des Republikanismus* (Estudo sobre o conceito de republicanismo) assim como algumas resenhas críticas ao *Musen Almanach* (Almanaque das Musas) e à revista *Horen* de Schiller no jornal republicano e pró-Revolução Francesa *Deutschland*, editado por Johann Friedrich Reichardt, um dos opositores mais ferrenhos das idéias estéticas e políticas de Schiller (WANNING, 1999. p. 38). Interessa-nos aqui apenas apontar as diferenças e as divergências de concepção entre os dois tratados.

O ponto de partida e a motivação maior de Schiller para a elaboração do tratado encontra-se, como já foi mencionado anteriormente, na busca da demarcação do lugar do poeta sentimental, ou seja do próprio Schiller, em relação à supremacia, suposta pelo autor, da poesia ingênua, e por extensão, da poesia de Goethe. À parte essa motivação de fundo pessoal, Schiller transita o tempo todo sobre o solo consolidado da filosofia kantiana, ainda que flerte em algumas passagens com a filosofia de Fichte (KESTLER, 2006. p. 109; ALT, 2004. p. 136-7). Os alicerces de sua investigação são portanto mais de feição estético, antropológico do que histórico, ou melhor não têm como base reflexões sobre a filosofia da história.

Ao contrário de Schiller, Schlegel, apesar de superestimar a poesia da Antigüidade, enxergava-a como pertencente definitivamente ao passado e portanto não podia como Schiller

reivindicar um novo classicismo como “reprodução transfigurada/transformada da Antigüidade”. (HUYSEN, 1978 p. 235). Além disso, Schlegel, na época um republicano convicto, pauta sua investigação e sua feroz condenação a amplos aspectos da poesia moderna não só por suas leituras de Winckelmann, de Fichte e de Herder, notadamente das *Ideen zu einer Philosophie der Geschichte der Menschheit* (Idéias sobre a filosofia da história da humanidade) de 1784/91, mas também por sua convicção arraigada na iminência de uma revolução estética. Seus pressupostos são portanto mais de natureza histórico-filosófica e política que os de Schiller. A revolução estética preconizada por Schlegel viria então para fundir os campos separados da formação natural (Antigüidade) e da formação artificial (modernidade). A Revolução francesa, segundo Schlegel, teria malogrado ao não cumprir as expectativas histórico-filosóficas da humanidade. A revolução estética, universal, portanto, que Schlegel já vislumbrava no horizonte, cumpriria o propósito de realizar a síntese tão almejada e em última análise instaurar a Idade de Ouro, ou melhor, o reino de Deus na Terra.

Schlegel acredita, que a era da revolução criaria sobre a base da liberdade republicana o pressuposto para a reunificação da subjetividade e da objetividade, da sentimentalidade e da ingenuidade, da arte e da natureza. O equívoco idealista de Schlegel está fundamentado na idéia utópica, de que a revolução anularia e superaria a dissociação da filosofia, religião, ciência e arte, e de que uma revolução estética alemã na seqüência da revolução francesa superaria aquela divisão do trabalho da sociedade burguesa, a qual não havia sido de forma alguma superada pelas revoluções bem sucedidas ocorridas na Inglaterra, América e França, mas sim pelo contrário perpetuada. (HUYSEN, 1978. p. 230).

### **Referências Bibliográficas**

- ALT, Peter-André. *Schiller. Leben-Werk-Zeit*. 2 Vols., Munique, C.H. Beck, 2004.
- BEHLER, Ernst. Einleitung: Friedrich Schlegels Studium-Aufsatz und der Ursprung der romantischen Literaturtheorie. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Über das Studium der griechischen Poesie: 1795-1797*. Org. Ernst Behler. Paderborn; Munique; Viena; Zurique: Schöningh, 1978.
- BÖHLER, Michael. „Die Freundschaft von Schiller & Goethe als literatursoziologisches Paradigma“, In: <http://www.goethezeitportal.de>. Acesso em : 18/08/2004.
- Goethe e Schiller. Companheiros de viagem*. Trad., seleção e notas Cláudia Cavalcanti. São Paulo, Nova Alexandria, 1993.
- HERDER, J.G. Fragmente über die neuere deutsche Literatur, In: -----*Sämtliche Werke*. Vol. 1. Org. Bernhard Suphan. Hildesheim: Olms-Weidmann, 1967.
- HUYSEN, Andreas. Republikanismus und ästhetische Revolution beim jungen Friedrich Schlegel, In: SCHLEGEL, Friedrich. *Kritische und theoretische Schriften*. Stuttgart, Reclam, 1978.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. A autonomia estética e o paradigma da Antigüidade clássica no classicismo e na primeira fase do romantismo alemão, In: *Forum Deutsch – Revista brasileira de estudos germânicos*. Vol. VI, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.
- , História e filosofia da história na obra do jovem Friedrich Schlegel, In: *Forum Deutsch. Revista brasileira de estudos germânicos*. Vol. VII, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2003.
- , Friedrich Schiller e a fundação do cânone da modernidade, In: *Forum Deutsch. Revista brasileira de estudos germânicos*. Vol. X, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.
- MOURA, Magali. Entre amor e ódio. O início da amizade entre Goethe e Schiller, In: *Forum Deutsch. Revista brasileira de estudos germânicos*. Vol. X, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.
- PIKULIK, L. *Frühromantik. Epoche, Werke, Wirkung*. Munique: C.H. Beck, 1992.
- KOOPMANN, Helmut. „Einführung“, In: SCHILLER, Friedrich. *Sämtliche Werke in 5 Bänden*. 6.Ed., Düsseldorf/Zürich, Artemis & Winkler Verlag, 1997.



- (Org.). *Schiller-Handbuch*. Stuttgart, Kröner Verlag, 1998.
- SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad., apres. e notas Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1991.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem numa série de cartas*. 3. Ed., Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1995.
- SCHLEGEL, F. Vom Wert des Studiums der Griechen und Römer (1795-1796), In: -----, *Kritische Schriften und Fragmente [1794-1797]*. Vol. 1. Org. por Ernst Behler & Hans Eichner. Paderborn; Munique; Viena; Zurique: Schöningh, 1988. p. 29-33.
- , Über das Studium der griechischen Poesie (1795-1797), In: -----, *Kritische Schriften und Fragmente [1794-1797]*. Vol. 1. Org. por Ernst Behler & Hans Eichner. Paderborn; Munique; Viena; Zurique, 1988. p. 62-136.
- , *O dialeto dos fragmentos*. Trad. , apres. e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- WANNING, Berbeli. *Friedrich Schlegel zur Einführung*. Hamburg, Junius, 1999.
- WINCKELMANN, Johann Joachim. *Reflexões sobre a arte antiga*. 2. ed. Trad. Herbert Caro & Leonardo Tochtrop. Porto Alegre: Movimento 1975.